



Lucas Prado Vilanova

CURSO – ENGENHARIA MECÂNICA/USP

“Se você for esforçado e tiver o diploma da Poli, tem chances de abrir portas em qualquer área”

Lucas entrou na Poli para cursar Engenharia Mecânica. Sua carreira tomou um novo rumo quando, no 3º ano do curso, entrou para a Liga de Mercado Financeiro da Escola Politécnica. Agora ele é sócio de uma empresa na qual começou como estagiário. Nesta entrevista, ele conta sua trajetória.

JC – Quando você escolheu seguir Engenharia?

Lucas – Sempre quis Engenharia. Eu tinha facilidade com Exatas, gostava de Física, inclusive já participei de várias olimpíadas. Gostava de ver como as coisas funcionavam, de construir as coisas, etc., e achei que a Engenharia Mecânica me daria uma base bem forte nesses quesitos, mas que também seria uma área abrangente o suficiente caso eu quisesse trabalhar com outras coisas depois. Inclusive, agora, eu nem vou mais trabalhar diretamente com Engenharia.

O que você fez de atividade extracurricular no Colégio Etapa?

O tempo todo eu estava envolvido nas Olimpíadas de Física, então teve treinamento para as Olimpíadas de Física, que participei no 1º e no 2º ano; teve o IYPT Brasil [Torneio Internacional de Jovens Físicos], que participei no 2º e no 3º ano, e no 3º ano fiz parte da equipe internacional deste torneio; também participei da Olimpíada de Astronomia, da Olimpíada Paulista de Química, entre outras. Ia fazendo o que gostava.

O que te levou a participar desses eventos no Colégio Etapa?

Antes de entrar no Etapa, eu não tinha muita noção das Olimpíadas que existiam. No Etapa tem bastante estímulo para a participação nessas atividades, então você encontra pessoas que têm o mesmo interesse e acaba não participando sozinho, o que deixa as atividades mais interessantes.

Com a sua aprovação na Unicamp, você chegou a ficar em dúvida entre ela e a Poli?

Não, a Poli era a minha primeira opção. Eu já sabia que era uma ótima faculdade de Engenharia, tinha bastante oportunidade

para depois fazer muita coisa aqui em São Paulo mesmo, então já estava bem definido que era o que queria fazer.

Você veio morar sozinho em São Paulo quando entrou na Poli?

Enquanto eu estudava no Colégio Etapa Valinhos, morava com os meus avós em Jundiaí, então todo dia eu saía de Jundiaí de ônibus e ia para Valinhos. Quando comecei na Poli eu fazia a mesma coisa, saía de Jundiaí de ônibus, ia para a Poli e voltava para Jundiaí no final do dia, foi assim todos os dias durante os dois primeiros anos. Quando eu estava entrando no 3º ano da faculdade, aluguei um apartamento ao lado da Poli.

Como foi sua adaptação à Poli?

Eu me adaptei bem. Acho que o pessoal que vem do Etapa, acostumado com olimpíadas e algumas matérias mais avançadas, acaba se adaptando mais fácil, o choque não é muito grande. Eu estava bem acostumado com o ritmo de estudos do Etapa e com as matérias de Física, então para mim foi normal.

Você participou das extensões da Poli?

Nos meus dois primeiros anos de faculdade eu não consegui me encaixar em nenhum dos grupos de extensão. Eu queria ter uma base mais forte da Poli, além do fato de ainda morar em Jundiaí, então não tinha muito tempo livre. Durante esse período eu também ia para o Etapa aos sábados para dar aula no laboratório de Física da IYPT, ensinando o pessoal sobre essa olimpíada, que eu tinha participado antes. Aí, no meu 3º ano da Poli, a Liga de Mercado Financeiro, que se chama Poli Finance, chamou minha

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Mecânica

1

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa são premiados no Famun 2021

3

CONTO

Flor anônima – Machado de Assis

4

ARTIGO

Proteína da saliva do mosquito da dengue tem potencial para tratar doenças inflamatórias intestinais

6

ESPECIAL 2

Alunos do Colégio Etapa são premiados na Olimpíada de Matemática da Unicamp (OMU)

8

atenção. Era uma coisa completamente diferente do que eu estava acostumado no curso de Engenharia, e achei que seria algo complementar, que expandiria meus horizontes.

Você começou a estagiar no meio do 3º ano?

Sim, no 6º semestre. Eu comecei como estagiário desse fundo [modalidade de investimentos coletiva; há empresas no mercado financeiro, como a de Lucas, que se responsabilizam em gerir fundos] por mais ou menos um ano, depois me tornei analista, por quase um ano também, e agora eu sou sócio.

Como é o nome da empresa?

É um fundo de investimentos chamado Base Partners.

Então depois que participou da Poli Finance você começou a gostar do mercado financeiro, é isso?

Sim, porque era bem parecido com o que eu estava acostumado a resolver no IYPT, só que ao invés de ser um problema de Física, era uma análise de investimentos de uma empresa, e eu precisava entender o que poderia gerar valor dali para frente. Então continuou o desafio de pesquisar, entender mais e modelar as coisas, só mudou o objeto de estudo. O que era um problema de Física se tornou matéria financeira.

Qual é a sua maior preocupação neste último ano de faculdade?

Eu tenho menos carga horária do que o usual, porque em um semestre normal é comum ter 8 ou 9 matérias, e agora eu estou tendo 4, mas tem algumas coisas grandes acontecendo, pois ainda tenho algumas matérias, que são um pouco trabalhosas, e preciso entregar meu TCC. Acho que a demanda do meu tempo hoje é muito maior para trabalhar e me dedicar aos investimentos no fundo do que para a Poli, propriamente. Meu grande desafio é equilibrar as coisas enquanto não terminar a faculdade.

Você estagiou fora da área da Engenharia, no mercado financeiro, o que é muito comum entre os alunos da Poli. Em algum momento você pensou em estagiar na área de Engenharia Mecânica propriamente?

Quando entrei na Poli eu realmente gostava de Engenharia, e imaginava trabalhar nessa área, mas comecei a ver oportunidades em outros setores. Depois que eu comecei a pesquisar o mercado financeiro e trabalhar com fundo de investimentos, realmente não tive mais interesse de voltar para a Engenharia.

Por que as empresas financeiras e de negócios gostam tanto dos engenheiros da Poli?

O pessoal da Poli aprende desde cedo a resolver problemas com o que tem em mãos. Mesmo que seja na área financeira, que não tem nada a ver com o que eu estudei no curso de Engenharia, consigo entender e aprender rápido aquilo que eu estou lendo, analisando; consigo entender de forma lógica o porquê daquele problema, daquela mudança. Na Poli você se torna capaz de criar hipóteses e chegar a uma conclusão embasada em fatos, de forma razoavelmente rápida e com um argumento lógico bem estruturado.

Você comentou que o que você faz no mercado financeiro lembra um pouco o que você fazia na IYPT. Você poderia explicar melhor essa relação?

É importante voltar um passo para antes do estágio, quando eu estava no Poli Finance. O Poli Finance é basicamente um grupo

de estudos muito focado em competições, então da mesma forma que a IYPT é uma competição de Física em que você precisa analisar um problema, construir um modelo, testar, desenvolver sua teoria, apresentar os resultados para convencer a banca, etc., no Poli Finance a gente também participava de algumas competições, que são competições de Equity Research. É preciso montar uma apresentação da mesma forma que no IYPT, mas ao invés de apresentar para professores de Física, a apresentação é feita para sócios de fundos e analistas de investimentos. Você vai ser julgado pela apresentação e vai ter a premiação de acordo com o quão robusta foi a sua tese. Quando entrei para estagiar aqui no fundo, antes da pandemia, a gente investiu em uma empresa chamada Zoom, que é uma empresa de comunicação. Essa empresa cresceu tanto que o fundo de investimentos criou uma competição para analisar o que fazer com as ações da Zoom, se era para vender, manter ou comprar mais. Eu participei dessa competição, gostaram muito da minha tese e da apresentação que eu fiz, por isso fui convidado a ser analista aqui onde estou.

Depois que você passou de analista para sócio do fundo de investimentos, o que mudou no seu dia a dia e na rotina de trabalho?

Quando eu entrei a empresa era muito jovem, tinha só dois anos. Havia muitas oportunidades para crescer rápido, muita coisa que precisava ser feita, mas não tinha gente para fazer. Aproveitei os espaços e fui me tornando mais relevante. Com o bom resultado das suas análises você vai sendo cada vez mais ouvido, cresce sua responsabilidade, aí a tendência é realmente ficar com um pedaço da empresa. Hoje em dia várias pessoas são contratadas, há um estagiário novo, e tento direcioná-lo nesse mesmo caminho. Temos esse papel de construir a empresa aos poucos, é necessário garantir que as decisões que estão sendo tomadas são as melhores a longo prazo e vão continuar sempre agregando valor. É o mesmo trabalho processual que sempre tive, de desenvolver as teses e entregar o trabalho, só que com um pensamento um pouco mais estratégico, pensando mais no futuro.

Qual é o próximo passo na empresa?

Ainda preciso amadurecer mais. Eu me tornei o quarto sócio, tem dois sócios-fundadores que criaram a empresa, depois teve o terceiro sócio, que entrou logo no começo e ajudou a colocar tudo de pé. Ele teve uma trajetória um pouco parecida com a minha e mesmo como sócio dá para ver que ele continuou crescendo. No começo ele era responsável por coisas que aconteciam dentro da empresa, agora ele tem uma posição externa cada vez mais relevante e interage com outros fundos, isso requer um amadurecimento bem grande. O meu próximo passo é continuar crescendo e gradualmente desenvolver as relações para ter um trabalho um pouco mais abrangente, além do que faço hoje.

Como está o mercado de trabalho para o formando da Poli hoje?

Praticamente todo mundo que conheço trabalha agora em diversos ramos. Você pode trabalhar em qualquer lugar que possa imaginar, o mercado de trabalho procura por bons alunos da Poli. Se você for esforçado e tiver o diploma da Poli, tem chances de abrir portas em qualquer área.